

EDUCAÇÃO E CARACTERÍSTICAS RACIAIS*

Traduzido por Mário Antonio Eufrasio

Embora eu esteja no programa para falar de educação do ponto de vista das características raciais, a bem da clareza direi já de início que não considero as características raciais no verdadeiro sentido como suficientemente fundamentais para influenciar a política educacional. O real problema é ajustar a política educacional não às características mentais no sentido biológico mas aos graus de cultura existentes entre as diferentes raças.

Para elucidar a distinção entre as características raciais e as condições culturais envolvidas em tudo aquilo que irei dizer, vou me referir antes de tudo às faculdades humanas sem atentar para a raça. Não considerando as percepções sensoriais, a memória, inibição, etc., vê que há apenas uma faculdade mental não compartilhada pelo homem com os animais inferiores – o poder de abstração. Esse poder é melhor ilustrado pela linguagem e a aritmética. A palavra “três”, por exemplo, não significa três pessoas, nem três maçãs, mas três coisas quaisquer. É um termo geral ou abstrato. “Sete” não é somente 2 e 5, mas 3 e 4. Embora não acreditemos facilmente, pode ser verídico que um rapaz de Chicago recentemente apareceu em casa em estado de depressão e se queixando de que sua professora disse a semana inteira que 3 e 4 somam 7 e agora ela dizia que 5 e 2 somam 7. De qualquer forma ele não era um rapaz negro. Quando uma criança é cega, surda e muda, é muito difícil introduzir concepções abstratas, não porque o cérebro não seja capaz de recebê-las, mas porque a ausência de todos os sentidos exceto um torna a apresentação difícil. Quando se perguntou a Laura Bridgman:¹ “Se você pode comprar um barril de cidra por US\$1,00, quantos barris você pode comprar com US\$5,00?” ela respondeu: “Eu não compraria tanto, é muito azedo”. De modo semelhante, o professor dessa moça teve dificuldade em fazê-la compreender o que significavam os livros para os cegos. Eles colaram as letras c-o-p-o num copo e c-a-d-e-i-r-a numa cadeira e ela repetia isso e aprendeu a arrumar as letras corretamente, mas por muito tempo era apenas uma espécie de brincadeira. Isso era tudo o que os professores podiam fazer; para o resto eles apenas podiam esperar o poder de abstração se revelar e finalmente a surpreendeu que a palavra significava a coisa e ela aprendeu a ler com grande entusiasmo e rapidamente.

Ora, esse poder nenhum animal possui. Nenhum deles pode contar e nenhum deles pode falar. Talvez vocês saibam que um matemático alemão pensava que tinha um cavalo, o Clever Hans, que conseguia fazer somas. Alguns cientistas foram convidados e o cavalo fez contas para

* Publicado originalmente com o título: Education and Racial Traits. *Southern Workman*, v. 41, p. 378-386, 1912.

eles. Ele faria contas para qualquer um. Mas finalmente ocorreu o seguinte aos cientistas: os dois números a serem somados seriam dados por dois homens, um sussurrando “2” numa orelha do cavalo e o outro “3” na outra orelha e nenhum dos homens sabia o que o outro havia sussurrado. Habitualmente o cavalo teria movimentado sua pata cinco vezes, mas nesse caso ele não sabia quando parar. Anteriormente ele via a expressão facial dos homens e uma ligeira inclinação da cabeça quando eles esperavam que ele parasse. Mas agora eles não sabiam quando esperar que ele parasse e ele não parava mais.

Freqüentemente ouvimos um homem dizer que tem um cachorro que consegue pensar. Mas ele está usando “pensar” de um modo muito amplo e impreciso. Um homem no campo pode mandar seu cão buscar seu casaco em casa. O homem não está completo sem o casaco e o cão irá buscá-lo. Ou, um homem pode levar seu cão para uma volta de barco e, vendo que esqueceu a esponja de tirar água do barco, pode mandar o cão buscá-la em casa; isto é, se o cão já viu a esponja ser usada dessa maneira. Mas se o cão não consegue encontrar a esponja, irá ele trazer um saco de café ou um cobertor, ou uma pua e um pote de piche, com a sugestão tácita de que o dono irá abrir um buraco, drenar a água e tampar o buraco? Um rapaz muito inteligente faria a substituição, mas um cão nunca. Há uma semelhança entre um balde e uma esponja ou esfregão que um cachorro nunca vê. Essa semelhança é muito desajeitadamente chamada pelos psicólogos de “associação por semelhança”. O cão somente consegue fazer associação por contigüidade, como no caso do casaco e o homem.

Há uma semelhança entre um cavalo, uma corrente d’água, um jato de vapor, e um fio elétrico; todos fornecem força – força do cavalo, força d’água, etc. O conceito de “força” está na região da abstração e nenhum animal entra nessa região. Mas todos os homens de todas as raças podem contar e falar e apreender termos tais como força, luz, verdade. Se não conseguem, são o que chamamos imbecis e o imbecil pode provavelmente ser tanto branco como negro ou amarelo.

A linguagem e os números são tipos das coisas mais difíceis que a mente faz. Ninguém que tenha assistido ao encontro da noite passada poderia seriamente alegar que o homem negro tem fracos poderes de linguagem. As histórias que os homens negros não podem contar simplesmente representam erros de observação por parte do observador branco. O selvagem não faz contas sobretudo porque não está no comércio e é contrário ao bom senso esperar o desenvolvimento de um sistema elaborado de notação onde não há muito para ser registrado. O selvagem sempre conta tanto quanto é necessário para levar adiante suas ocupações. Alguns dos relatos absurdos a respeito da falta do sentido de número entre os africanos surgiram do fato de

¹ A referência aqui é a Laura Bridgman (1829-1889), considerada a primeira pessoa cega e surda ensinada por Samuel Howe a se comunicar com linguagem; sua fama foi mais tarde superada pelo caso semelhante de Hellen

que era uma política de vida do negro ocultar a verdade do branco. Livingstone relata que um chefe zulu contava mais de 1.000 cabeças de gado como um início de vida para seu filho no próprio momento em que viajantes informava que esse povo não conseguia contar além de três.

Podemos supor então que todas as raças têm o mesmo tipo geral de mente, capaz de fazer as mesmas classes gerais de trabalho e adaptáveis aos mesmos métodos gerais de educação. A mente que pode fazer “aritmética mental” pode fazer qualquer coisa.

A segunda questão geral que surge relacionada a isso é se o cérebro da raça branca não é um órgão superior àquele da negra, capaz de fazer, se não uma espécie diferente, uma classe ainda melhor de trabalho. Os antropólogos não são capazes agora de dizer se sabem muito a respeito da questão do peso do cérebro e a aptidão mental das raças. Sabem que diferenças individuais no peso do cérebro são muito grandes na mesma raça – que, por exemplo, a diferença de peso entre o menor e o maior de uma série de 500 cérebros normais de brancos será em torno de 600 gramas ou 33 por cento e pode ser até de 50 por cento. Essa é uma diferença enorme, embora a diferença média no peso do cérebro das raças seja muito ligeira. Isso significa que o indivíduo é a variante real, não a raça. E sobretudo, uma importância exagerada era antigamente vinculada ao peso do cérebro; ele não é um indicador seguro de inteligência. Sem dúvida um cérebro generoso é um sinal favorável, mas, no final, os cérebros são alguma coisa como relógios – o relóginho de pulso da senhora pode dar as horas melhor do que o relógio do vovô. É também uma questão aberta se uma disposição obstinada não é um item mais valioso do que um grande cérebro. Mas o fato mais importante quanto a isso é que todas as raças possuem indivíduos que em inteligência vão da idiotia até a aptidão rara e não sabemos a proporção em que a aptidão é distribuída entre as raças. De qualquer forma, não é uma questão trivial de superioridade e inferioridade. Há indivíduos brilhantes e estúpidos em todas as raças.

Mas não é verdade que uma raça educada por séculos e praticando profissões que exigem poder mental irá transmitir por hereditariedade para seus filhos os resultados de sua prática mental? Se um homem ou uma mulher usa a mente de uma maneira particular, digamos em práticas matemáticas, ou em estudos de línguas, não irá o filho de tal pessoa ser mais bem dotado ao longo dessa linha por conta disso? Hoje não acreditamos nisso. A inteligência de nenhum homem jamais foi melhorada porque seu pai foi à faculdade. Quero dizer, sua aptidão natural não é melhorada. Sua inteligência, no sentido de seu conhecimento, irá de fato ser melhorada através de ele ter um pai culto em vez de um pai ignorante, mas somente no sentido de que seu pai irá comunicar conhecimento para ele. O rapaz não terá uma aptidão mental maior nascida nele por conta dos hábitos de vida de seu pai.

Mas um rapaz nunca será naturalmente mais dotado do que seu pai? Sim, ele pode herdar dons superiores de sua mãe e ele pode herdar através de seu pai pontos de superioridade de alguns dos ancestrais de seu pai que não vieram à superfície em seu pai; ou ele pode, por assim dizer, mostrar-se melhor, como um ou dois filhotes numa ninhada têm marcas melhores do que os outros sete. Todos nós sabemos que a perda de dentes e dedos e braços e pernas não é herdada. Essas coisas acontecem depois do nascimento. Mas se um homem nasce com seis dedos no pé, seus filhos podem também ter seis. Não existe uma coisa tal como uma influência dos pais no uso popular desse termo. Não há marcas de nascimento causadas por que a mãe se assustou com certos objetos. Sempre se inventa uma história para enquadrar uma marca de nascença. Há em Berlim um homem que é a imagem viva de um porco. Aventuro-me a sugerir que há uma história de que sua mãe foi atropelada por um porco quando estava grávida. A única vinculação entre mãe e o filho no período da gravidez é uma corrente sanguínea. O filho pode ser mal alimentado ou pode ser envenenado se o sangue da mãe está envenenado, digamos, por álcool, mas nenhuma impressão será transmitida para o sistema nervoso da criança.

O ponto de vista de que o filho tende a ser como seus pais eram quando nasceu, não como eles se tornaram mais tarde na vida – que o filho não herda sua prática – pareceu a muitos uma conclusão bastante desencorajadora. “Para que serve a educação”, disse Spencer, “se não é herdada?” Mas é um ponto de vista realmente longe de ser desencorajador. Significa, em primeiro lugar, que o filho de um criminoso não se tornará necessariamente um criminoso, pois a maior parte de nossos criminosos são constituídos pelos nossos arranjos sociais. Um rapaz da área dos cortiços de Chicago, tendo os instintos de um rapaz, pode querer criar algumas galinhas. Ele precisa de milho para elas mas como não está numa fazenda e não tem dinheiro, ele pode roubar um pouco de milho de um caminhão de entrega. Anteriormente, pelo menos, ele seria mandado para a cadeia com criminosos mais velhos e seguramente teria se tornado um criminoso e, de acordo com a antiga teoria, seus filhos iriam nascer criminosos. Em segundo lugar, o novo ponto de vista significa, de maneira muito feliz, que erros, doenças e falsos pontos de vista dos pais não são herdados pelos filhos e que nosso velho sistema de educação, com sua diagramação de sentenças e outros absurdos, não enfraquece a mente da segunda geração. Imaginem como seriam fracas as nossas mentes se herdássemos tudo o que foi ensinado aos nossos pais!

Com referência às classes sociais, digamos, na sociedade dos brancos, o ponto de vista de que as características adquiridas não são herdadas significa que o rapaz pobre cujos pais são ignorantes não é necessariamente sobrepujado pelo rapaz rico cujos pais são educados. Se o estado da educação, por um lado, ou da ignorância dos ancestrais, por outro, fosse herdado, não seria impossível dar conta de um homem tal como Lincoln, que tinha pouco para herdar senão ignorância?

Têm existido classes privilegiadas na sociedade branca por milhares de anos e se a oportunidade superior envolvesse estrutura superior do cérebro nos filhos, o homem comum, de antecedentes comuns, seria tão largamente sobrepujado que ele não poderia pensar no mesmo plano que os descendentes das classes privilegiadas e o governo popular nunca teria sido sequer concebido.

Com referência à superioridade e inferioridade racial, o novo ponto de vista da hereditariedade significa que o registro inteiro da civilização não deixou nenhuma marca na estrutura cerebral da criança branca. É possível que um cérebro superior possa ter produzido uma civilização superior; não é possível que uma civilização superior tenha produzido um cérebro superior, a menos que suponhamos uma taxa seletiva de nascimentos e mortes. Que uma raça tome a dianteira em face de outra não é indicação de superioridade, mas devido a circunstâncias locais. Os brancos tomaram a dianteira face aos japoneses, mas ninguém pode seriamente pretender que os japoneses não sejam capazes de competir conosco.

Neste ponto somos capazes de responder à indagação de Spencer. A educação serve mesmo se não for herdada biologicamente, porque é herdada socialmente. A mente da criança pode ser considerada como um quadro em branco. Aristóteles, de fato, chamava-a de uma lousa limpa – uma *tabula rasa*. Se os pais são cultos essa cultura será transferida para o filho; se o estado de conhecimento da raça ou do grupo é avançado, esse avanço será legado para a criança durante o seu tempo de vida. Essa criança tem uma melhor *chance* de se tornar inteligente. A melhor ilustração que posso dar da importância do estado de conhecimento quanto a isso é a diferença nos livros-textos de ciência hoje em dia e numa geração atrás. É seguro dizer que nenhum tratado científico lançado quarenta anos atrás é hoje digno de alguma consideração. Mesmo a teologia e a história mudaram enormemente. A psicologia é quase inteiramente nova. Que livro da biblioteca de seus avós vocês preservariam por razões outras que sentimentais ou históricas? Daqui há cem anos tudo irá se mudar novamente. Toda criança tem de aprender a totalidade da vida e da civilização. Tudo desta tem de ser legado para ela. Se o estado do conhecimento e da educação é melhorado em cada geração, você tem crianças e homens cada vez mais sábios, sem consideração de se sua estrutura cerebral mudou realmente. Isso é hereditariedade *social*.

Posso me referir a ainda mais uma consequência desse ponto de vista. Vem a ser sem sentido falar de uma mente selvagem e numa mente civilizada noutro sentido que o social. Não há uma coisa tal como um selvagem, exceto no sentido de que há raças cujos hábitos e atitudes mentais e estado de conhecimento diferem daqueles dos brancos. De fato, somos todos selvagens no sentido de que preferimos pescar e jogar beisebol a trabalho duro. Mais uma vez, há a teoria das épocas culturais ou o ponto de vista de que a criança recapitula a civilização em seu

desenvolvimento cerebral, passando por períodos que correspondem à selvageria e à barbárie antes de entrar no período civilizado. Como questão de fato, ela recapitula a civilização somente no sentido de que muda seus hábitos desde o mundo mais instintivo e impulsivo das brincadeiras até o mundo do trabalho. Ela se diferencia do selvagem em que é ensinada num sistema diferente.

Finalmente, desse ponto de vista, o enunciado popular de que o negro terá de ser educado por milhares de anos antes que seja tão capaz quanto o branco torna-se absurdo. A criança branca não só herdou a civilização em seu cérebro, mas herdou uma chance. Ela começa como um quadro em branco e imita o mundo tal como ele se apresenta para ela. Se o negro tem uma mente capaz de fazer a mesma coisa, ele irá fazê-lo num tempo de vida, desde que ele tenha a mesma chance.

Considero, então, uma conclusão bem-vinda e afortunada que o destino da criança não seja determinado, falando de modo geral, antes do nascimento mas depois e que teoricamente, pelo menos, a vida mental e cultural mais elevada esteja ao alcance de qualquer raça dentro de uma única geração. Digo teoricamente porque os obstáculos práticos para isso podem ser alguma coisa monstruosa. É tão ruim, por exemplo, ter um ambiente criminoso quanto ter uma hereditariedade criminosa. Posso levá-los a uma espelunca de Chicago onde o ideal de um rapaz é arrombar um cofre e realizar uma fuga engenhosa; nesse caminho ele será elogiado pelos membros mais antigos de uma *gang* de criminosos. Costuma-se pensar que seria tempo suficiente afastar uma criança para longe dos ambientes criminosos aos cinco ou dez anos de idade; mas hoje em dia os criminologistas entendem que tudo está terminado por essa época. Você deve tirá-la tão logo seus olhos se abram. Plínio o Velho tem uma história segundo a qual o bebê urso não está apropriadamente formado para nascer mas é uma massa informe que a mamãe urso molda. Isso é história natural ruim mas é boa psicologia. A criança tende a tomar a marca do mundo social em que nasce. Ela irá imitar o que quer que predomine em sua sociedade. Mas se as condições de vida mental são pobres, se não há muita cultura a imitar, o indivíduo não pode se erguer muito acima desse nível. Que chance de ler e escrever e de contar teria um rapaz numa comunidade em que ninguém faz nenhuma dessas coisas? E que chance de uma vida intelectual ampla teria sem esses instrumentos simples? Em outras palavras, você não pode ter um alto estado da mente num baixo estado da sociedade.

Há, então três fatores associados à mente e à educação: (1) a qualidade absoluta da mente do indivíduo; (2) o estado do conhecimento em seu grupo (chamaremos isso de as cópias que ele pode imitar); e (3) o sucesso ou insucesso do indivíduo em chegar a se associar a esse estado de conhecimento, a essas cópias.

Indicarei brevemente o que tenho em vista quanto ao terceiro ponto – a exclusão de um indivíduo ou de uma raça do material que vai constituir a cultura. Não atribuo grande importância a termos classificatórios, mas usarei o termo “isolamento” para descrever qualquer exclusão do acesso do indivíduo às cópias. Afastamento geográfico, pobreza, não saber ler, preconceito racial são formas de isolamento. Para mostrar como esse isolamento pode ser sério, vou me referir mais uma vez à linguagem. Falar é uma coisa da qual você usualmente não pode ser excluído. Mas pode-se imaginar o quanto Laura Bridgman teria ficado isolada se o Dr. Howe não tivesse desenvolvido um meio de comunicação com ela através do sentido do toque. Ela teria sido virtualmente, embora não tecnicamente, uma idiota. Ocorreu recentemente o seguinte numa das escolas públicas de Chicago: um menino não conseguia acompanhar sua classe, ele não conseguia aprender a ler. Ele permanecia no primeiro ano enquanto os outros eram promovidos para os anos seguintes. Até que finalmente se percebeu como um rapagão, circundado por criancinhas. Ele ficou envergonhado e foi embora, “se mandou”, como ele teria dito. Estando agora sem rumo, à toa, ele naturalmente se meteu em algumas dificuldades e foi levado ao juizado de menores. Aí foi examinado e se viu que ele não era capaz de ler porque ele não via a página impressa. Esse único ponto de isolamento – o isolamento face à página impressa – interrompeu o processo de desenvolvimento mental e social. Quando lhe deram óculos apropriados, esse rapaz encontrou seu rumo. Não devo enumerar casos, mas fica patente que o negro, o servo, o branco pobre, o morador nos cortiços, por exemplo, pode estar tão realmente isolado por condições geográficas e sociais quanto esse rapaz ficou por um defeito da visão.

Naturalmente pode ocorrer a algum de vocês que o preconceito racial é a mais séria e opressiva forma de isolamento e causa de atraso mental no caso do negro e eu certamente não me inclino a dar pouca importância ao preconceito. Ao mesmo tempo eu não o considero como uma questão profundamente séria. É alguma coisa que você pode transpor; pode ser mesmo um estímulo. Comparado à escravidão ou à servidão, é trivial. Estou agora fazendo alguns estudos entre os camponeses eslavos da Europa e o camponês estava e está mentalmente tão atrasado quanto o negro está ou quanto estava na escravidão. Descobri mesmo casos de mais atraso. Mas minha principal razão de dar pouca importância ao preconceito é que ele não leva com sucesso ao isolamento. Um dos cavalheiros da Jamaica que despertou interesse aqui ontem por seu porte mental e a agilidade de sua inteligência confessou que tinha estudado em alguns dos mais importantes centros de ensino do mundo.

Mas eu tenho em vista alguma coisa a mais que isso. Não precisamos de todas as cópias do mundo para nosso completo desenvolvimento cultural e mental. Precisamos somente de uma série completa de boas cópias e essas podem ser reunidas num espaço pequeno. Atenas tinha, creio eu, apenas 40.000 cidadãos, mas desenvolveu algumas formas culturais e mentais

maravilhosas que continuamos a imitar bem depois que ficaram antiquadas. Tuskegee representa um grupo cultural completo em si, fornecendo tudo que o rapaz poderia receber num centro branco do mesmo tipo. Suponho que essa idéia de centros culturais de negros irá se desenvolver bem mais. Estou certo de que vocês não irão me considerar como um defensor do preconceito racial quando assinalo que Tuskegee é um produto desse preconceito e considero Tuskegee como a invenção educacional mais considerável dos tempos modernos.

Não estamos aqui para louvar Tuskegee e o Sr. Washington. Eu não teria a audácia de fazê-lo. Para um homem branco sulista, congratular um homem de cor por seu sucesso poderia lembrar-lhes de como Lord Chesterfield congratulou Samuel Johnson por ter concluído seu grande dicionário. Chesterfield não havia dado nenhuma ajuda para a elaboração do dicionário e Johnson disse que a conduta de Chesterfield lhe lembrava a de um espectador que observava um homem lutando na água e cobriu-o de congratulações quando ele conseguiu se salvar. Mas como estamos aqui para trazer diferentes ângulos de visão, pode interessar a vocês saber por que esta instituição me interessa de maneira peculiar.

Em primeiro lugar, o Sr. Washington retornou a, ou assumiu, um princípio que os brancos haviam em certa época perdido de vista, nomeadamente, que a mente é largamente produto da mão e do olho; que muitas de nossas concepções são de origem manual. Tuskegee abandonou alguns fetiches educacionais dos brancos, como o Latim e o Grego, e ao mesmo tempo desenvolveu um sistema de educação que está mais próximo da vida das massas do povo negro que o sistema dos brancos está das massas dos brancos. O sistema dos brancos ainda está, no principal, voltado para as classes privilegiadas.

Uma raça atrasada sempre tende a imitar o lado mais fraco do que nos agrada chamar de civilização – seu luxo, lazer, vícios e o ensino clássico – e em Tuskegee temos uma oportunidade de ver o negro se desenvolvendo sob uma liderança que seleciona e apresenta cópias sadias.

Quando os hábitos de uma raça são subitamente mudados, quando uma raça atrasada em particular é abandonada aos seus próprios recursos, há alguma desorganização de hábitos. Vimos isso no liberto depois da emancipação. Temos um exemplo impressionante na Libéria e no Haiti. Os antigos hábitos não são adequados para enfrentar a crise e os novos não estão formados. Vemos aqui uma raça atrasada sendo posta em posse de uma técnica adequada para enfrentar a crise.

Sob liderança e organização adequadas em Tuskegee, vemos que mudou a marcha de uma raça. Podemos usar o termo “marcha” para expressar o grau de energia em que um povo vive. O Professor William James alega que todos nós temos reservatórios inexplorados de energia e que vivemos habitualmente num grau abaixo de nossas forças plenas. O dono de um celebrado cavalo de marcha, Dan Patch, disse que o animal tinha sempre mostrado uma

tendência de ir tão rápido quanto a marcha estabelecida. Quando sob a marcha de um cavalo de corrida, ele chegava a uma milha em 1min56s. Uma boa ilustração do princípio da marcha é o do atletismo nas faculdades. Há sempre uma tendência a se aproximar do recorde. Os métodos comerciais americanos representam um marcha bastante rápida em um campo. O negro na escravidão nunca trabalhou num grau elevado de energia. Quando posto em competição com o plantador de algodão italiano, ele foi por um tempo sobrepujado. Estamos aqui vendo essa condição ser mudada. Temos aqui de fato o espetáculo único de uma raça atrasada estabelecendo a marcha em alguns campos: por exemplo, no cultivo de batata-doce.

O grupo cultural completo de Tuskegee envolve a gradual diferenciação de ocupações e de classes e o progresso está muito estreitamente vinculado a uma classe média e a vocações diferenciadas.